

# Transplante de órgãos: de transplantador a transplantado

## *Organ transplants: from transplant surgeon to transplant patient*

Douglas Pedroso\*

No ano de 1977, na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, tive o privilégio de participar do primeiro transplante renal daquele hospital. E que hoje conta com o maior complexo de transplante de órgãos do País. Na época, era médico residente de urologia, na enfermaria 30. Então ao retornar a Passo Fundo, em 1980, juntamente com a equipe de nefrologistas e cirurgias vasculares, eu e o Prof. Donadussi realizamos o primeiro Transplante Renal intervivos de Passo Fundo, em 1981. E nesses mais de 25 anos, a evolução da medicina na nossa cidade foi de ponta, não deixando nada a desejar com relação aos maiores centros médicos do País. Várias equipes médicas de transplante renal aqui se formaram, tanto no Hospital São Vicente, quanto no Hospital da Cidade. E hoje, além do transplante Renal, temos o de Córnea, de Fígado e o Banco de Tecidos e musculoesquelético, para o Transplante de ossos e articulações.

Depois de 25 anos de profissão, no ano de 2001 fui surpreendido com o diagnóstico de Hepatite C, a conhecida epidemia silenciosa. A descoberta foi por acaso, pois sintoma não tinha nenhum, e a doença já estava bem avançada, inclusive, provocando certo grau de Cirrose Hepática, quadro que, quando presente no momento do diagnóstico, torna o tratamento totalmente eficaz (cura total) só em 25% dos casos. E eu felizmente estava com a minoria e fiquei completamente curado da Hepatite C. Porém, lá ficou a cirrose, que, como consequência, leva, ao passar dos anos, a uma Hipertensão Porta (aumento da pressão dentro da veia principal do fígado). Então, em 2007, em decorrência dessa pressão alta na veia, tive varizes no esôfago, que, em junho, se romperam, provocando um sangramento intenso, sendo então internado às pressas no HSVP. Fui submetido a várias transfusões sanguíneas e plasmáticas. E entre ligaduras de veias esofágicas e exames, foi diagnosticada a mais temida doença pós Hepatite C, o Hepatocarcinoma.

O diagnóstico me foi informado pelo Dr. Paulo Reichert, sendo que a única opção para a cura desse câncer era o Transplante Hepático. De Transplantador a futuro Transplantado.

No ensino da Bioética na Faculdade de Medicina, orientamos nossos alunos que o médico deve desenvolver a arte da empatia, isto é, se colocar no lugar do outro.

No meu caso, esse fato se tornara real naquele momento, e conhecedor de todos os benefícios do transplante, mas também de todos os riscos dessa cirurgia de altíssima complexidade, o medo era inevitável. Porém, com apoio e o amor da minha mulher Adriana e dos meus filhos Felipe e Augusto, encarei com muita fé e confiança o que teria que enfrentar desde o momento em que entrei para a “fila” de espera de uma doação compatível.

Na noite de 13 de novembro de 2007, perto da meia-noite, toca o telefone e minha mulher atende. Era o Dr. Paulo me comunicando que tinha chegado a hora do meu transplante. Foi um momento de alegria e de angústia, porém, com a confiança que estávamos na equipe cirúrgica e fé em Deus, dormimos tranquilos, pois o Dr. Reichert pediu que eu estivesse no hospital cedo da manhã do dia 14, pois a cirurgia estava prevista para ter início ao meio-dia. Pela manhã, saí cedo da cama, e fui fazer uma visita a um paciente que eu havia operado no dia anterior, e informá-lo que eu estava naquela manhã indo para o meu transplante.

Algumas pessoas de outras capitais ficam admiradas pelo fato de eu ter escolhido fazer o meu transplante aqui em Passo Fundo, no entanto em momento algum tive qualquer dúvida de onde eu faria essa cirurgia, pois o HSVP, juntamente com o Dr. Paulo Reichert e toda sua equipe, é centro de referência de Transplante Hepático.

Nesse momento de júbilo, não posso esquecer que no mesmo dia em que eu estava muito feliz por estar tendo a chance de uma nova vida, alguém em algum lugar estava pranteando a perda de um ente querido. E em cada ano de comemoração por essa vitória minha, dos médicos, da minha família, será um ano de saudade e tristeza de alguém

\* Médico, Urologista. Professor de Bioética e de Urologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Passo Fundo, RS. E-mail: pedrosodouglas913@gmail.com

ou uma família que perdeu o filho, o irmão, a esposa; porém essas mesmas pessoas que choram essa perda súbita, com muita dor e sofrimento, ainda tiveram o altruísmo de demonstrar um grande amor à humanidade fazendo da morte um ato sublime e divino, entregando os órgãos daquele ser para salvar vidas. Peço a Deus todos os dias da minha vida que abençoe e dê forças a todos os familiares dos doadores, pois a nossa morte é o último ato de viver,

porém podemos fazer da morte um fim menos doloroso para quem aqui fica com o consolo de que ela não foi totalmente em vão, apesar de na maioria das vezes precoce.

Peço também a Deus que na esfera celestial haja um lugar especial para as almas de todos os doadores do mundo, pois a sua morte humana com certeza passa a ser divina no momento da doação. Obrigado meu doador, obrigado querida e anônima família.